

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Tarso abandona Olívio e segue Britto?

"Tarso quer credenciar o Estado a receber fábrica da Hyundai". Foi a notícia de 2011 para os gaúchos, em minha opinião. Econômica e politicamente interessantíssima e merecedora de aplausos calorosos. "O Rio Grande do Sul tem uma cadeia produtiva qualificada e de uma diversidade muito grande. Além disso, está localizado geograficamente no centro do Mercosul, próximo às cidades de São Paulo, Buenos Aires, Montevidéu e Assunção", completou pragmaticamente o governador. O melhor é que não é sonho, é alvissareira realidade, o governador do Partido dos Trabalhadores almeja montadora de automóveis, com certeza um dos maiores símbolos do sistema capitalista.

Tenho a impressão que, antes de assumir o Palácio Piratini, Tarso deu uma olhada nos discursos do passado para buscar, talvez, algumas lições. Por isso, penso eu, adotou algumas medidas interessantes que assombram os incautos. A primeira de todas foi a de colocar Mauro Knijnik, um homem competente e correto forjando nas entranhas do capitalismo, como secretário do Desenvolvimento e Promoção do Investimento. Não bastasse isso lembramos que Knijnik foi homem forte do ex-governador Amaral de Souza, o Amaralzinho ali da Palmeira, que foi homem forte da extinta Arena. Pode algo assim? Pode perfeitamente. Pragmatismo é isso, além do que a anistia veio para que seguissemos em frente...

Outra medida assombrosa foi essa de querer uma fábrica de carros. Ela é bem típica das profundas mudanças que ocorre cá nos pampas. Logo uma fábrica de carros, devem ter resmungado os partidários mais ortodoxos. O ex-governador e companheiro do PT, Olívio Dutra, correu com a Ford que estava se instalando em Guaíba e Tarso fez de conta que não sabia de nada e foi para a Coréia do Sul buscar algo que já estava aqui. Vejam o detalhe: foi à Coréia do Sul, que na do Norte tem muito chorão.

Como nosso Estado mudou pouco nos últimos anos apesar de todos dizerem saber a receita para andar mais rápido uma terceira medidas foi a de confrontar os discursos do passado. Eu até me imaginei vendo Tarso indicando Knijnik para acelerar o desenvolvimento capitalista e pensando no discurso obsoleto do companheiro Olívio ao dar um pontapé no traseiro da Ford. Não tinha escolha! Foi nesse momento que o pragmático governador deve ter dado de cara com o discurso do ex-governador Antônio Britto, cujo teor está resumido no primeiro parágrafo deste texto. Até parece coisa de bruxaria essa do Tarso agir resgatando o discurso modernizador de Britto e sepultando o discurso do atraso que caracterizou Olívio. Pois é, não creio em bruxas, mas...

E os aspectos políticos que ressaltai no início? Sobre política não dou minha opinião, a declaração do governador Tarso, ao abordar a relação com o CPRS, fala de forma eloquente sobre a morte do antigo PT que governou o estado e que confirma os nossos novos tempos: "a direção política do Cpers entende que não é positivo permitir a governabilidade. Eles fazem da luta sindical uma luta contra o capitalismo. O dissídio vira revolução contra o estado burguês, seja quem for que está no governo. Na estratégia, não está o diálogo, na verdade. A estratégia é desestabilizar o governo, o que leva a um desgaste brutal do sindicato".



Blogueira cubana & PIB da Inglaterra

UM - Yoani Sánchez é a celebridade cubana de plantão. Os irmãos Castro não gostam dela. Metida a besta, ela insiste em querer dizer o que pensa, pegou a mania da tal liberdade de expressão. Tenha a santa paciência, moça, imprensa livre é para regime burguês decadente, lhe dizem as autoridades; mas não tem jeito, é teimosa. Para os Castros, que administram Cuba como granja de tabaco (eu ia dizer prostíbulo, mas creio que isso ofende a brava e oprimida mulher cubana), ela é guerrilheira. Sua Sierra Maestra é a internet. Quem diria, hein, os donos de Cuba tremem diante de uma guria.

Por causa da teimosia da blogueira em divulgar a penúria do povo, o aumento da repressão sob comando de Raul, a continua violação dos direitos humanos no país, os Castros não concedem visto de saída para que ela visite o Brasil. Não é piada não, lá é assim: quem quer viajar e deseja voltar tem que se humilhar, pedir bexiga pros homens do Partido Comunista Cubano. Só recebe autorização para viajar quem diz amém ao sistema, quem tem padrinho dentro do governo ditatorial. Segundo o noticiário internacional Yoani Sánchez já tentou sair do país, sem sucesso, por 18 vezes.

No desespero, a tenaz jornalista apelou para a Dilma Rousseff. Ela espera que a presidente interfira junto ao governo cubano para que permita o passeio da moça. Esse é bom exemplo do realismo mágico do Garcia Márquez, que também adora Cuba: um regime decrepito consegue fazer balburdia internacional por causa da singela vontade de um cidadão visitar outro país. E tem quem adora a ditadura dos Castros. Fidel e Raul atingem o máximo: ali a utopia fede como carniça, o sonho de mundo melhor acabou no aterro sanitário, mas a cultura do atraso ainda alimenta ideais por estas bandas.

DOIS - Com absoluta certeza é melhor o Brasil ter um Produto Interno Bruto maior do que o da Inglaterra. Lógico que isso é bom, até para nosso ego, afinal, estamos falando da terra da rainha. Melhor do que termos um PIB menor do que o da Inglaterra. Agora, vamos devagar com o andor para não cairmos num ufanismo cego que pode comprometer nosso futuro. Entre as dezenas de dados que podemos arrolar para sopesar as duas situações me atenho a duas: população e renda per capita. Não vamos comparar IDH, educação básica, saúde pública, ciência, tecnologia, meio ambiente, corrupção, homicídios e outras coisinhas afins. Não vamos falar que ainda temos perto de 40 milhões de irmãos vivendo com o bolsa-família. Nem vamos falar em tamanho do território ou riquezas nacionais. Nossa intenção não é fazer pouco desse dado novo: nosso PIB é maior do que o da Inglaterra. E isso, repito, é bom.

Fiquemos, inicialmente, com população: temos 191 milhões de habitantes contra 51 milhões de ingleses. Ou seja, são necessários praticamente quatro brasileiros para fazer o que um inglês faz. Claro, se falarmos em Reino Unido dá uma diferença para menos, mas não altera a essência do fato. Vamos á renda per capita: a nossa é de 10.700 dólares por ano, a da Inglaterra é de 30.000 mil dólares.

A única coisa que eventualmente se poderia lamentar aqui entre nós (se fosse o caso) é que esses números foram obtidos porque FHC e Lula seguiram a cartilha neoliberal. Porém, quem sou eu para criticar isso todos estão felizes...

Anotem aí: nosso futuro estará comprometido, logo adiante, se continuarmos tratando nossa educação básica com o jeito atual; podem ter certeza que logo vamos patinar por que o suporte da nossa riqueza - produção primária e matérias primas - tem seus limites...



Aleluia, espumante gaúcho para Cuba!

Aleluia: nós, gaúchos exportaremos espumante da Serra para a Ilha dos irmãos Castro. Quem fez o anúncio foi o governador Tarso Genro ao retornar das férias (sabe das coisas, em matéria de areia, sol e mar pouco se compara ao Caribe). Sobre a bebida deliciosa, típica de momentos especiais, disse que os espumantes que tem no mercado (epa, mercado? Disse mercado? Introduziram o mercado no socialismo?) cubano são caros, "espanhóis, franceses, e boa parte deles não têm a qualidade do nosso".

À primeira vista pode causar estranheza falar na exportação de espumantes para a pobre Cuba, onde o salário mensal de um médico deve andar ao redor de 25 dólares. O médico que entrevistei completava o ganho engordando porco em chiqueiro clandestino com ração roubada de fábrica estatal. Assim, quem pode se dar ao luxo de beber espumante gaúcho, além da alta cúpula que está no poder desde 1959? Sabe como é, o sacrifício de governar tem que ter algumas compensações, é ou não é?

Cuba hoje tem no turismo a principal fonte de divisas e esconde quanto dele é sexual (a oposição cochicha que é a maior fatia). A opção pelo turismo foi esperta, pois é o setor da economia capitalista que mais rápido gera e distribui renda, embora no caso o Estado "desaproprie" a parte generosa do salário do cubano que trabalha para as multi. Há a remessa de dólares de quem fugiu para Miami que mata a fome de quem ficou; a terceira fonte é subproduto da primeira e para ela só a oposição amordaçada olha como a oposição a Batista olhava e berrava. Quando a URSS sumiu a economia cubana evaporou e Fidel (no lugar da Opção Zero) abre o país para o capital estrangeiro investir em turismo. Então além da cúpula do Partido Comunista, o espumante será saboreado pelos turistas. Até aqui, para os gaúchos, tudo nos conformes, negócio é negócio. Certo? Certíssimo! Se pagarem direito nossos burgueses da Serra pela bebida a gente fica feliz, afinal o Rio Grande precisa de divisas. Cuba também ganha: contemplará a "burguesia fashion" que a visita com bebida mais barata e melhor; e se a burguesia fede, como disse Cazuza, é questão a ser tratada longe da mesa dos negócios.

Então, a surpresa que pode surgir na exportação de espumante para Cuba fica no campo do fim do sonho, na área onde acaba a mitologia, no cemitério da utopia, num típico caso de retorno ao ponto de partida. Em meados da década de 1950 nada mexia tanto os brios do revolucionário cubano de Sierra Maestra, do que a foto em jornal de turista americano (se fosse marinho, então!) com charuto na boca, copo de rum na mão esquerda e a cintura de bela cubana cor de cuia descansando seu braço direito. O Museu da Revolução, em Havana, expõe fotos de prostitutas da época com legenda tipo "muitas mulheres (...) exerciam a prostituição para sobreviver." Quando estive no Brasil, nos anos de 90, Aleida Guevara assinou embaixo: além dos desmandos de Fulgêncio Batista, ditador corrupto, o fervilhante turismo (hotéis de luxo, cabarés, cassinos, prostitutas de luxo) estava entre os males a serem extirpados de Cuba.

A história se repete (?), alguns dizem, outros perguntam. O velho Karl \Marx teria dito que "a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa" Ou seja: "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como pesadelo o cérebro dos vivos". Assim, relaxem e tim-tim. Saúde!

Contraponto



Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Voyeurismo do BBB e outras coisinhas

Em matéria de sexo não há nada de novo em cima da terra. Mesmo em sociedade que transborda erotismo pelos poros como a nossa. As coisas apenas se repetem. São cíclicas. Vão e voltam. Entram e sai da moda, ou do rol das preocupações das pessoas que lutam pela preservação dos bons costumes. Daquilo que nós estabelecemos como bons costumes, bem entendido. Além do mais, já disseram, sexo é questão de geografia.

Entre nós, em pleno terceiro milênio, nossa sexualidade ainda gera polêmica. E pecados. Barbaridade, quanto pecado! Tecnicamente a humanidade avançou, mas em matéria de sexo ainda peleamos com os tabus. O jesuíta francês Paul Le Jeune, que trouxe o pecado para a América Latina, em 1639 escreveu: “há entre os selvagens o mais abominável dos costumes. Aqueles que buscam moça ou mulher para casar vão atrás delas à noite para fazer amor”.

Um espanhol, nessa mesma época, na Flórida se deparou com “um homem casado com outro” e descreveu o que seus olhos presenciaram como “coisa do demônio”. Pois é, 400 anos depois nossa imprensa trata do tema e confirma reações semelhantes. Aliás, não fosse a mania do europeu botar defeito em quem vive deste lado do Atlântico o espanhol desancaria Roma, a Grécia e, especialmente, Platão que disse (lá por 300 anos antes de Cristo) ser mais provável o amor sério surgir entre dois homens e não entre homem e mulher. Pode? Ora, o espanhol veio procurar demônios em nossas plagas! Vá catar demônios na zona do euro.

Em todas as gerações sempre falta naturalidade para lidar com a sexualidade. Por isso abundam piadinhas infames. Outro dia, no avião que veio de São Paulo a mãe cuidava da mocinha enjoada que a todo instante apelava para o saquinho de plástico. O cara ao lado, todo gentil, cheio de dedos, perguntou à empertigada dama: “foi comida”. Com o semblante mais carregado do que nuvem de chuva ela respondeu: “foi, mas vai casar.” Somo assim.

No Oásis, o avô dedicado vociferava: onde vamos parar com esses modernismos? O mundo foi tomado pelo demônio! Que bicho te mordeu, quis saber o amigo. Simplesmente a neta saiu de casa para morar com o namorado. Vão fazer um test drive – ela disse – e se os dois se acertarem um dia casam. Quem inventou algo tão demoníaco?, queria saber ele. Decidiram concordar com o vovô, contrariedades nessa faixa etária têm risco alto. Não contam que os precursores do test drive nupcial viveram no México. A civilização maia, uma das mais antigas da época pré-colombiana, segundo Peter Stearns, permitia um período de noivado em que a mulher continuava morando com o papai e a mamãe, mas fazia sexo com o noivo – postura que permitia adiar o casamento no caso de incompatibilidades.

Como disse, em matéria de sexo não há nada de novo em cima da terra e cada um faz o que lhe aprouver. Desde que não prejudique, humilhe, machuque o outro o que cada um faz com seu corpo não interessa aos demais (sei, fácil de dizer, mas difícil de fazer). E, como sou conservador, não vejo necessidade de tornar a relação sexual algo só animalesco, sem afeto, sem carinho, sem transcendência (sou ingênuo, acho que sexo poder ter algo de transcendente), sem troca de emoções. Também não acho de bom gosto o voyeurismo massal que a Globo mostra com crescente amplitude através do BBB (não falo em estupro ao vivo e a cores porque a moça disse que a troca de carícias foi consensual). No meu tempo de adolescente o termo era “frestiar”, mas era algo pessoal, secreto, sensual, de foro íntimo – às vezes pecaminoso, na concepção de antanho, mas nada ao nível desse processo de masturbação coletiva que a rede Globo desencadeou para faturar grana alta em cima de nossas fragilidades hormonais...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Battisti, assassino já condenado,
passeou pelo Fórum Social!

O Fórum Social Mundial nasceu com esperança monumental, ele pavimentaria estrada para um outro mundo possível! Nele nasceria a alternativa viável ao capitalismo – lembro-me dos discursos. Lá se vai mais de década e o vibrante encontro ficou nas boas intenções, dessas que pavimentam a estrada para o inferno. Tem servido para a esquerda que está no divã fazer catarse. Aliás, quem apontar algo, consequente, generoso, produzido pela esquerda mundial nos últimos cem anos relatem, por favor.

O mais lamentável é que resultados pífios do Fórum não interessam a ninguém. A humanidade precisa um modelo socioeconômico novo. Há enormes injustiças sociais a corrigir, questões econômicas a resolver e preocupantes questões ambientais a superar. Assim, qualquer contribuição é bem-vinda. Nesse panorama triste o que fica claro é que o almejado mundo novo dificilmente surgirá das esquerdas: estas estão mortas.

A questão que intriga no Fórum Social é que entre os organizadores há gente de gabarito, preparada, gente com bonita história de vida na luta por uma sociedade justa. Um é Oded Grajew, presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Ethos, da área de responsabilidade social empresarial; outro é Cândido Grzybowski, diretor do IBASE. Conheci Cândido ainda aluno da FIDENE, em Ijuí, nos anos 60, quando peleávamos, no movimento estudantil, contra a ditadura militar. São dois brasileiros de respeito...

Por quais fatores um evento desse porte vira convescote no resultado? Tenho só palpites. O mais forte é que virou vitrine de uma ideologia desesperada por uma nova tese após a queda do Muro e perdeu suporte de gente que aportaria substância. Outro, o excesso de números circenses com gente do ETA, IRA, Cuba, e figuras como José Bové e Cesare Battisti. Mais: alguns dirigentes forjam a imagem de ser encontro dos homens bons buscando jeito de abater homens maus; esse maniqueísmo primitivo gera o nada. Outro: escamoteiam o passado recente, não fazem autocritica sobre as atrocidades do socialismo real e, subliminarmente, aulam a cantilena pró-utopia socialista embora nada tenha sobrado da experiência que implodiu (ao custo de cem milhões de vidas).

O Fórum Social, que poderia ser valioso contraponto ao Fórum Econômico de Davos marca passo por que se nega fazer um discurso vigoroso salientando os valores da democracia. Dessa democracia que, sim, precisa ser reforçada com conteúdos éticos, mas que foi a principal responsável pelo sucesso de FHC e Lula e que vem livrando milhões da miséria. A fala que sai do Fórum é mofada: é Cuba que esmola, os Kirchner, a caquética experiência bolivariana do Chávez, é Morales et caterva, o eterno o ranço contra o moinho de vento chamado capitalismo, fácil de desancar por engenheiros de obra pronta. Esquece que capitalismo bem ou mal funciona e tira gente da miséria como no Brasil, Rússia e China. Sim, há crise nos países capitalistas ricos (USA, Europa e Japão), mas só há miséria aonde não chegou (África, por exemplo)!

Como ficamos? Resta-nos torcer que isso mude. Davos precisa de contraponto. Ah, sim, resta esperar que alguém consiga explicar o que o assassino Cesare Battisti, condenado a prisão perpétua na Itália democrática (expoente da organização de extrema esquerda Proletários Armados pelo Comunismo) e recebido com honras de estadista veio fazer no Fórum Social.

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - latasca@uol.com.br



Quais os "males" gerados pelo capitalismo?

O principal passatempo de incontáveis intelectuais é desancar o capitalismo, como ocorreu no Fórum Social. Dá prestígio, dá dinheiro e ele-va o escriba à categoria de cidadão nobre, esse que chora os "males" do mundo e ganha reverência. Quem fala contra os "males" do capitalismo é tido como gente boa, nem que diga asneira. Baixar o sarrafo no capitalismo é diversão que dá status de celebridade. Quanto mais desancam mais aparecem na mídia (e nem precisam explicar as causas de nossos males), eis que boa parcela da mídia capitalista adora bater no capitalismo para fazer média com a esquerda e desse modo demonstrar que é cheia de boas intenções, de virtudes.

Entretanto, nem tudo o que os autoproclamados bem intencionados homens da justiça social definem como maldade do capitalismo foi mesmo produzida, criada por ele. A globalização, por exemplo, foi iniciada pelos africanos, antes de receber tal referencial geográfico. Se o povo do leste da África tivesse ficado quietinho talvez não houvesse essa mania de globalização de hoje. Bem, depois os navegadores se meteram nos mares e não pararam mais. Fracasso, nessa área, só o da internacional socialista...

Outra coisa: propriedade privada não é coisa de capitalista, não. Os inventores da propriedade privada foram os pequenos agricultores. Sim, eles mesmos. Foram eles, também, que inventaram essa coisa de "meu" e "teu" que leva à concentração de renda de quem for mais ágil. A tal de iniciativa privada (eu isso, eu aquilo) é deles. Mais? Os primeiros a agredirem o meio ambiente foram os mesmos pequenos produtores rurais. Foram eles ainda que, pelo cultivo repetitivo no mesmo lugar, criaram a necessidade de se adubar a terra e de usar defensivos contra plantas daninhas e pragas.

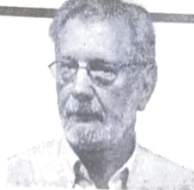
Agora, pasmem: a prostituição também é algo que remonta à revolução agrícola. Aliás, em alguns países capitalistas tem diminuído, como a Suíça, por exemplo, e em países ditos socialistas aumentou, como na ilha mais famosa do Caribe. Com a invenção da agricultura começou a sobrar tempo para muitas outras atividades (o ócio é o pai de todos os vícios) inclusive para pular a cerca nos dias de chuva ou depois da colheita...

Dinheiro, essa coisa torpe que domina os humanos, veio antes dos capitalistas. Judas vendeu Cristo por trinta moedas e na época nem existia capitalista. Com a moeda logo veio o banco (o nome banco foi concebido pelos romanos e na Idade Média a função de banqueiro se tornou comum). Outra: quem ensinou a poupar tornar poderoso o poupador foram cidadãos cheios de virtudes e boas intenções: os protestantes. Eles conceberam o trabalho como virtude e acabaram gerando gente com muita grana. O acúmulo de dinheiro, a riqueza, é a paga pelo cultivo da virtude de trabalhar!

A indústria, por exemplo, não é criação de capitalista calculista. Na raiz dessas megaempresas industriais está o artesão. Foram nossos amados artesãos que, de olho grande, inventaram máquinas e mais máquina e foram engolindo os colegas do lado.

O mercado não é criação capitalista, antes dele o mercado fustigava as pessoas, perguntem aos fenícios. O mercado é uma espécie da lei da gravidade das relações socioeconômicas. Enquanto a pessoa precisar comer, chupar picolé, se divertir haverá mercado, brigar com ele é como vociferar contra a lei da gravidade. Estamos diante de um processo complexo gestado ao longo da história e não algo criado por um gênio.

Quando acumularmos inteligência e ética suficiente em nossas ações diárias e tivermos a exata noção de que liberdade é nosso bem mais precioso, faremos esse processo funcionar bem para todos. Qualquer outra invenção intelectualizada dá chabu



As palavras convencem, os exemplos arrastam

As sentenças colhidas nas estradas da vida são cheias de sabedoria e jamais as esquecemos. Pais e professores faziam questão de cultivá-las como lições de vida. Entre centenas delas cito “mais vale um gosto do que um vintém” e “as palavras convencem, os exemplos arrastam”.

A primeira é supimpa, porém, desconfio agora, pode estar na raiz da nossa cultura de poupar pouco (a geração de hoje quer o aqui e o agora), já a segunda só gera perplexidade. Que exemplo positivo pode esperar o brasileiro comum se hoje em dia nem a palavra dada tem valor?

Todos os dias somos inundados com posturas deprimentes de quem deveria ser exemplo aos jovens. Há carência assustadora de posturas morais, procedimentos éticos, gestos altivos. Não se trata de episódios aqui ou acolá, vivemos uma epidemia, uma cultura de imoralidade sem precedentes em nossa história.

Quem o pai dedicado citaria de exemplo para um filho se espelhar? Seria injusto dizer que hoje o Brasil lembra a Grécia de Diógenes que, de dia, perambulava pelas ruas com uma lamparina à procura de um homem honesto?

Quando criança meu pai, homem curtido na roça, tinha admiração especial pelos juizes. Para ele o juiz de direito estava próximo da santidade. Constatei que os juizes são humanos durante a ditadura militar e, de uns tempos cara, que o barro com que alguns são feitos é de péssima qualidade; o que não é privilégio deles (em geral o que chamamos de elite nacional, independente de viés ideológico, profissão, escolaridade, tamanho da grana não passaria no controle de qualidade de uma boa olaria).

Deixemos o Lula de fora, cego, não conseguiu enxergar os malfeitos que assolou seus governos. Podemos citar o oponente? Em 2004, ao disputar a Prefeitura de São Paulo, José Serra, do PSDB, assinou documento se comprometendo a exercer o mandato sem renunciar para se candidatar a outro cargo. Além de não honrar a palavra empenhada agora desdenha a cobrança que fazem dizendo que “apenas assinou um papelzinho”. Não é o Serra que fica menor com tal atitude, a política e os políticos perdem estatura com tal empáfia.

Podemos citar José Sarney do PMDB, presidente do Senado Federal, organismo emblemático das democracias? Pelo conjunto da obra não há na história da república exemplo mais deprimente de tudo o que não é republicano reunido nesse senhor que cresceu na ditadura e se fortaleceu à sombra dos governos democráticos.

O que dizer do governador Tarso Genro do PT no caso do piso dos professores? Como é triste, especialmente para nós gaúchos, ver um ex-ministro da justiça fazendo exatamente o contrário do que disse e afrontar a cultura da “do fio do bigode” tão cara para o Rio Grande do Sul.

O que dizer do Mano Menezes dirigindo embriagado e se negando a fazer o teste do bafômetro? Fico imaginando estrago no imaginário das crianças e jovens que olham embevecidos para a camisa amarela da seleção brasileira, para os jogadores e para seu treinador... Até daí saem maus exemplos?

Que lista: tido como um dos maiores defensores da ética, da lisura na política o senador goiano Demóstenes Torres, dos Democratas, descobre-se agora, está atolado até o pescoço na meleca do submundo que tomou de assalto parte do Congresso Nacional. Como chegamos nesse estágio? Adianta chorar, espernear contra a impunidade? No fundo, creio que todos e cada um de nós têm culpa no cartório, final o Brasil é nosso!



Nossos professores amedrontados

Como vai a educação brasileira? Não precisamos de especialista para constatar o caos denunciando que o Brasil está com o futuro comprometido a persistir o desastroso quadro atual. Quem duvida que analise o que fizeram Cingapura, Japão, Coréia do Sul e demais países que saíram da pobreza confiando no taco dos professores. Aqui entre nós o que fizemos, dentro dessa praga fascista que virou o politicamente correto, foi chama-los de trabalhadores em educação. Tem algo mais esquizofrênico? A coisa complicou de vez até para o aluno: oh seu trabalhador em educação, posso ir ao banheiro?

Quando falamos antigamente era assim, é sinal que envelhecemos? E daí? Qual o malefício de ter saudade mesmo que esta denote certa urgência de futuro? A realidade é que num passado não muito distante a escola era envolvida pela mesma aura que encobria os templos religiosos. Sem exagero. Nada mais especial do que uma sala de aula. E a professora estava num pedestal, sempre, ela era a nossa santa. Sem exagero.

Arrisco a ir mais longe ao afirmar que o louvor, a exaltação, o respeito, o temor reverencial que tínhamos pelos professores eram mais profundamente genuínos do que aqueles que nutríamos pelo padre. Com o professor não havia aquela espécie de segunda intenção que existia relativamente ao sacerdote que, se fosse com a cara da gente, aplainaria o caminho para o paraíso nos livrando do inferno.

Quando se compara com o esbanjamento de hoje, onde tudo parece descartável, se pode dizer que aquele foi um tempo mais difícil, de escassez de muita coisa, de quase tudo, menos de respeito aos professores. Transplantar comparações de épocas diferentes pode se constituir em bobagem, aquele foi um tempo determinado e ponto; cheio de mazelas e virtudes típicas, além de novas perspectivas (o que não é coisa pouca, pois o que nos mantém em pé é essa possibilidade – real ou fictícia – de o amanhã ser melhor, algo que agora duvido que exista).

Os tempos são assim, plenos de coisinhas mezinhas (risos e choros) típicas. Assim, aquela foi ainda uma época com tecnologia típica. No meu caso, por exemplo, a lousa (ou seja, a ardósia enquadra na madeira que carregava na sacola de saco de farinha) se constituiu no meu tablet – agora até digo isso com certo orgulho boçal.

Mas, repito com todas as letras, tempo com total respeito aos professores. E eles, bem ou mal, pegaram o que outros consideravam o lixo do mundo (imigrantes alemães, italianos, africanos e outros) e conformaram uma nação. E vínhamos bem até que, em algum momento, esse processo esboroou sem que alguém notasse.

Por isso devemos perguntar rapidinho: onde erramos? Como chegamos ao atual patamar de horrores? Como justificar professores amedrontados por alunos em sala de aula, sentindo-se encurralados por pais irresponsáveis e/ou imaturos que exigem da escola o que não transmitiram aos filhos? Anotem: em todo acontecimento envolvendo alunos mal comportados, guri e gurias mal criados, pirralhos descompensados, filhotes mal educados, adolescentes problemáticos, o culpado é o professor! PODE?

A esse caos vigente que perturbou dramaticamente a relação professor/aluno se soma, também uma lista de mazelas como prédios precários, falta de material, falta de funcionários, baixos salários, falta de segurança dentro e no entorno das escolas.

Estamos diante de algo que não diz respeito apenas aos governantes (a grande maioria despreparada para enfrentar a questão e mesmo assim não delega para quem sabe) é algo que deveria angustiar toda a sociedade, pois a persistir esse quadro, estamos condenando a maioria dos nossos netos ao terceiro mundismo...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



A presidente Dilma em Harvard!

UM – Vem de longe o ranço contra americanos. Estive entre os piás e suas teses “lúcidas, válidas e inseridas no contexto” queimando a bandeira vermelha, branca e azul, cheia de listras e estrelas; era lindo de ver, ali, na rua, o fogo, semelhante – a gente achava – ao fogo do inferno queimando o pano símbolo do imperialismo. O fogo inflavamosso ódio juvenil contra o Tio Sam, fazia a farrá do fabricante de bandeira que sempre tinha mercado e nos tornava inocentes úteis da parte cínica intelectualidade europeia.

Creio que a preguiça e a inveja foram dois fatores fortes para que a gente criasse e mantivesse ranço aceso. A lista de fatores é longa, dentre estes citamos o esquisito desejo da esquerda europeia de globalizar o mundo sem o mercado, no dizer do francês Jean-François Revel. Recordo, para não passar por imbecil, que a Europa fez os crimes do franquismo, do fascismo, do nazismo, do salazarismo, do comunismo; Europa que fez o bem-estar que desfruta hoje (mesmo em crise) em cima de rapinagem na Ásia, África e Américas. Revel refresca a memória: “Coisa estranha, é sempre na Europa que surgem as ditaduras e os regimes totalitários, mas é sempre a América que é fascista”.

A inveja é fácil de entender, é componente da natureza humana. Ah, meu Deus, como é difícil aceitar que o vizinho tenha mais grana por ser mais eficiente, esforçado e não por que sacaneou. Em 1700 a economia dos EE.UU – dos colonos expelidos da Inglaterra no My Flower – equivalia à economia da América Latina. Em 1900, a Europa detinha 70% da produção industrial do mundo e a economia americana só engatinhava. Sim, depois os EE.UU viram um império, mas foi às custas do Brasil?

Entre os exemplos pego a Argentina que exportando carne, lã, trigo, etc. torna-se o quinto PIB mundial ao fim da II Guerra. Hoje, quebrada, busca culpados por suas mazelas, cada vez que se enterra na incúria brinca de guerra nas Malvinas ou expropria uma empresa estrangeira. Um general megalomaniaco, Peron e uma ex-prostituta, Evita, cavaram o buraco banindo os capitais ingleses que auxiliaram o país a chegar ao topo enquanto o Brasil remava. A inveja e a ignorância de Peron e Evita fazem escola, os Castro, Allende, Chávez, Morales (roubando nossos carros) estão entre os bons alunos.

A preguiça é o ponto complexo. É mais fácil fazer um inimigo, enche-lo de defeitos e responsabilizá-lo pelo nosso infortúnio. Como não produziremos nada, afinal nosso inimigo é implacável, torcemos para que ele se estrepe. E aí, com preguiça, a gente deixa de se informar, de conferir a veracidade do que nos colocam goela abaixo. Foi assim com parte da minha geração...

O diplomata José de Meira Penna revela: “Um método universalmente praticado por governantes ameaçados, para amainar conflitos internos, consiste em projetar os ressentimentos populares sobre bodes expiatórios estrangeiros. O recurso favorito à xenofobia como instrumento de mais imediata disponibilidade, em amplo espectro que vai da esquerda à extrema-direita, é a frase: a culpa é dos americanos”.

DOIS – Nada mais dramaticamente emblemático sobre a possibilidade de novo tempo do que a presidente Dilma Rousseff visitar Harvard, talvez a melhor universidade do mundo e, ao lado MIT, símbolos da inteligência estadunidense, para solicitar espaço para jovens brasileiros ali se aperfeiçoarem. Para quem como nós (asturmas dela e a minha) berrávamos contra o acordo MEC-USAID, a atitude da presidente não tem nada menos do que espetacular (além de altiva), pois no dia em que perdermos o complexo de inferioridade (algo também embutido no ranço histórico) deixaremos de lado a mania de procurar culpados pelas nossas fraquezas. A nossa presidente saiu diminuída após essa visita? Não, pelo contrário, saiu engrandecida porque soube colocar o interesse do país acima de eventuais preferências pessoais. Mesmo por que, não é de Cuba que vai sair alguma coisa que possa nos ajudar no futuro...



Quando os grandes se apequenam!

É da nossa cultura: quem está no topo consegue nos fascinar. O grande artista, o jogador, o político, o juiz, o cientista, o mestre, o professor, o empresário mexem com nossa cabeça. Creio que até inconscientemente eles nos servem de modelo, no fundo gostaríamos de estar no lugar deles, sonhamos em ser um deles. É assim com a grande maioria das pessoas que ainda não conseguiu sair da planície, mas que almeja estar no topo. É da nossa natureza.

Por causa dessa realidade, quando os grandes se apequenam, quando o pedestal deles derrete, quando pisam no tomate, quando viajam na maionese, quando falham, quando erram ficamos frustrados, decepcionados. Ficamos tristes. Raramente admitimos isso, mas é assim que funciona. Ou, quando deles não gostamos, deixamos fluir um "eu não disse" de vitória... vitória que sempre será amarga.

Nos últimos dias registramos uma enxurrada de péssimos exemplos vindos dos grandões; até parece que o Brasil está encolhendo. Coisa de endoidar doido. Nesse mar de sandices selecionamos três fatos que nos deixam menores. O primeiro deles envolve o todo presente e poderoso ex-presidente Lula.

Conforme os jornalistas Cátia Seabra, Felipe Seligman e Natuza Nery, da Folha de São Paul, "sob a supervisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, integrantes do Partido dos Trabalhadores se lançaram numa ofensiva para aumentar a pressão sobre os ministros do Supremo Tribunal Federal que julgarão o processo do mensalão". Não houve roubalheira nenhuma alega o ex-presidente (na época, assustado, demitiu o todo poderoso ministro José Dirceu), foi tudo invenção da imprensa burguesa.

Mais: segundo o jornalista Fábio Schaffner, da Zero Hora, perplexo com o rumo da CPI do Carlinhos Cachoeira que ele mesmo estimulou, Lula saiu a campo: "Temos que usar a maioria para evitar o que for inconveniente. Unir os aliados, colocar gente de confiança nos postos-chave e não deixar que a CPI contamine o governo".

É ou não é um absurdo astronômico? Simplesmente Lula sepulta a esperança de que um dia a corrupção desapareça em nosso país. É ou não é chorar?

O segundo caso também é estarrecedor: juízes do Superior Tribunal de Justiça absolvem esturpador que abusara de três meninas de 12 anos sob a alegação de que elas não eram mais ingênuas, elas haviam se tornando prostitutas de longa data. O que dizer? Só posso imaginar que deu pane na cabeça desses juízes, não há outra explicação. Se as meninas eram prostitutas de longa data, começaram com sete/ oito anos? Por favor, que alguém me explique: toleramos o estupro se as meninas se prostituírem na infância?

Por ultimo, a menos grave, mas geradora de perplexidade impar para os mortais comuns: dois juízes do Supremo Tribunal Federal (não custa reafirmar que se trata da mais alta corte de justiça do país) vão para um bate-boca típico de botequim.

Alguém me oriente: um pai de família aqui embaixo na planície, brigando a tapa pela vida, arrancando a força o que necessita para encaminhar os seus, vai dizer o que para orientar um filho? Vai citar quem para modelo? Essas coisas funcionam como um veneno que vai penetrando lentamente e minando nossas forças, deixando, nos comuns mortais, aquela sensação de o mundo está perdido.

Nesse quadro, qual é o pior? A postura do ex-presidente Lula é deplorável em todos os sentidos, mas amanhã se ele voltar a se candidatar ganha a eleição fácil, fácil. Quer dizer, a culpa (ou responsabilidade) é só dele?

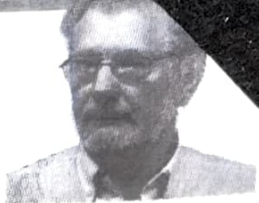


Brados: Dilma, Lovelock & Frei Betto

UM - A semana que passou foi prenhe de falas retumbantes. Não, falas não, foi prenhe de brados retumbantes, pois não são manifestações de comuns mortais. As semanas são assim: às vezes transcorrem namodorra, outras vezes loucamente trepidantes. A presidente Dilma Rousseff, por exemplo, apostou alto, bradou alto, botou a boca nos bancos e levou as fichas. Eu ia dizer "até a oposição ficou muda", mas calei, lembrei que no Brasil não há oposição. Como ninguém gosta de banqueiro (apesar de banco ser instituição antiga) ela se tornou unanimidade (embora bater em banqueiro seja mais fácil do que bater em gato morto). Enfim, nossa presidente acredita (eu, tu, ele, nós, vós, eles também, devemos ser honestos e reconhecer) que os juros são altos e podem baixar (afinal, a dívida interna já vai longe do trilhão) e está sendo aplaudida.

DOIS - Quem leu "A vingança de Gaia", lá por 2006, deixou de dormir tranquilo, ou teve diarreia, ou resolveu confessar seus pecados uma vez por semana ou, perdido por perdido, caiu na gandaia geral. Nele o cientista britânico James Lovelock, (pioneiro no estudo da química atmosférica e guru do movimento ambientalista mais radical), previu que bilhões de pessoas morreriam pelo aquecimento global. À Folha de S.Paulo agora disse: "O problema é que não sabemos o que clima está fazendo, embora achássemos que sabíamos vinte anos atrás. Isso levou à publicação de livros alarmistas, inclusive os meus". Para ele é estranho que temperatura global da terra não aumentasse nos últimos 12 anos enquanto o nível atmosférico de gás carbônico bateu recorde. E ele ainda dedou outros ativistas do anti-quecimento, como Al Gore, ex-vice-presidente americano, que também forçaram a mão no catastrofismo.

TRES - Transitando por Passo Fundo Frei Betto disse (não em tom de brado, foi na suavidade da fala mansa, mas é brado dos mais retumbantes pela história dele e do país) que o socialismo fracassou. Simples, o socialismo fracassou. O século passado se moveu na busca de alternativa ao capitalismo. Era fácil na tosca cartilha marxista: o escravagismo, depois o feudalismo, a seguir capitalismo, adiante (quem sabe faz a hora não espera acontecer) o socialismo e, na etapa superior, o comunismo. Linda utopia que só produziu massacres, assassinatos, fome (Rússia e China foram ao canibalismo), prisões atulhadas (como em Cuba) miséria, terror, campos de concentração (como os atuais na Coreia do Norte) e o saldo de cem milhões de mortos. O que os regimes socialistas-comunistas fizeram em genocídios encaulam Afonso, o dono do bigodinho mais conhecido do Planeta. Por isso, vamos aproveitar a deixa de Frei Betto para analisar sem medo, sem constrangimentos, sem covardia, sem cinismo, por quais motivos o socialismo fracassou e só produziu dores. Nosso mundo continua desigual, pessoas sofrem em todos os recantos e, por dever de consciência, devemos buscar alternativa. Quem compreender por que o socialismo pifou e onde estão as virtudes do capitalismo (afinal foi só o que sobrou!) e o que precisamos mudar nele, pode dar alento à geração que herda nossas burradas. De quebra podemos parar com essa mania de só apontar as atrocidades do nazismo e esconder as atrocidades do comunismo.



Crueldade: governo da Coreia do Norte supera todos os limites

Ao longo da história da humanidade, a crueldade de muitos governantes foi além do teor da sanidade. Independente de tempo, espaço, sexo e etnia a barbárie deles leva a duvidar que fossem humanos (nesse cenário os comunistas da Coreia do Norte são fora de série como explicita Blaine Harden no recente livro “Fuga do campo 14”).

Entre as damas cruéis estão Catarina, a Grande, da Rússia; Agripina, a Jovem (Rainha do Veneno na Roma antiga); Elena Ceausescu (Mãe da Patria albanesa, superego do marido assassino); a chinesa Tsi-hi (Imperatriz do Trono do Dragão), que em 1899 decretou: “A palavra PAZ nunca deve sair da boca de nossos oficiais de alta patente, nem devem eles deixá-la repousar no coração nem por um momento”.

E a Rainha Ranavalona I (Maria Sanguinária de Madagascar)? Sobre a dama Ida Pfeiffer escreveu: Se o Governo dessa mulher durar muito mais, Madagascar vai ficar despovoada... Sangue – sempre sangue – é a máxima da rainha Ranavalona, e o dia em que essa mulher perversa não assina ao menos meia dúzia de sentenças de morte parece um dia perdido.

A lista de cavalheiros sanguinários é maior. Inicia com Herodes e passa por Gêngis Khan, Chaka Zulu, Adolf Hitler, Idi Amim Dada, Saddam Hussein (o Stálin do Oriente Médio) Robert Mugabe, Augusto Pinochet, François “Papa Doc” Duvalier. Essa lista macabra se completa com a estonteante linhagem dos comunistas que vieram para erradicar a injustiça e acabaram no rol dos piores assassinos da história (humilhando Hitler em matéria de perversidade): Josef Stálin, Mao Tse Tung, Nicolae Ceausescu, Pol Pot e Fidel que, segundo as estatísticas, o que menos matou (não chegou a 20 mil).

Deixamos por último nesta relação insana o cavalheiro Kim Il-Sung (o Stálin da Coreia do Norte que passou o bastão para o filho Kim Jong Il e este para o neto daquele, Kim Jong-Un), pois o regime que implantou continua matando e ainda mantém campos de extermínio. Para gerar medo (o medo é o pilar de toda tirania) nessa Coreia fuzilar, fuzilar, fuzilar sumariamente é pouco, torturar, torturar, torturar por qualquer coisa não basta, prender, prender, prender qualquer um a qualquer hora não é demais, matar de fome, de inanição, à mingua, não é o suficiente (um prisioneiro sobreviveu catando em bosta de vaca o milho não digerido pelo animal. E, pasmem: ao ser pego com cinco/seis grãos de milho no bolso foi torturado por posse indevida de propriedade do Estado).

Na Coreia do Norte a insanidade vai além de tudo isso, supera o horizonte da ficção, pois nem a morte é permitida para que o prisioneiro possa se livrar da dor, do frio, da fome, da humilhação. O sadismo do regime não tem precedente: o prisioneiro (mesmo sem culpa formada) deve ficar vivo para sofrer enquanto o Estado quiser. Segundo a Associação Coreana dos Advogados em Seul (citado por Harden) a “Agência de Segurança Nacional da Coreia do Norte adverte todos os prisioneiros de que o suicídio será punido com sentenças mais longas para os parentes que sobreviverem”.

Dizer mais o quê? Apenas perguntar qual critério levou os comunistas brasileiros definirem o Kim Il-Sung (que ajudou a dizimar mais de um milhão de pessoas), como “patriota e internacionalista que promoveu as causas da reunificação coreana, da paz e da amizade e da solidariedade entre os povos?”

Contraponto



Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

CPI do Cachoeira se move como caranguejo bêbado

Movendo-se como caranguejo bêbado (será que ninguém teme pela ressaca?) a CPMI do Carlinhos Cachoeira mostra interessante retrato do padrão moral que vigora em parte da política nacional. Os movimentos iniciais dessa comissão permitem afirmar que é preocupante a quantia de invertebrados ocupando postos chaves no parlamento.

Já considerada a mais lenta dos últimos vinte anos ela tem tudo para terminar numa grande bacanal. Quer dizer, bons tempos quando terminava em pizza...

No ritmo atual – alguns ainda alimentam a esperança de que o rumo ainda se modifique – essa CPMI pode se tornar vergonha nacional. E nós, como sempre, não passaremos de impotentes expectadores.

Nossos histriônicos moralistas (mas quem não rouba?) mexeram em bosta seca e ficaram apavorados com o fedor que exalou. Agora fica a impressão de que deputados e senadores não tinham noção de onde se metiam. Até momento, na verdade, como só apareceu gente graúda envolvida nas teias do submundo do Cachoeira, houve um epa, epa, epa, geral e mudou o tom da fala. Agora nossos doutos parlamentares estão procurando algum motorista, alguma faxineira, algum porteiro para depor na CPMI, sempre é mais fácil enquadrar os pequenos, os desprotegidos, os fragilizados.

Inicialmente decidiram arquivar as investigações envolvendo três deputados federais do Estado Goiás que tinham (e ainda tem) estreita relação com a figura central desse escândalo: um do PT, outro do PSDB e um terceiro do PP.

Adiante, segundo o jornal Folha de S.Paulo, um acordo selado pelo PT com incentivo do Planalto engaveta os pedidos para convocar os governadores Marcondes Perillo (PSDB de Goiás), Agnelo Queiroz (PT do Distrito Federal) e Sérgio Cabral (PMDB do Rio de Janeiro).

E, num rasgo de criatividade cínica, de falta de compostura, os invertebrados que determinam os rumos da CPMI tiram do foco das investigações a matriz da empresa Delta, o monstruoso polvo cujos tentáculos não poupam postura ideológica e programa partidário. As filiais (onde estão os peixes menores) vão se investigadas. Diz o jornal que a ordem é preservar a empresa que tem dezenas de contratos com Governo Federal em troca da não convocação dos três governadores.

Nesse quadro geral, candidamente o deputado Cândido Vaccarezza, do PT, disse aos jornalistas “que não vamos fazer uma devassa”. Compreenderam?

No frigar dos ovos o que sobrou até o momento, como decorrência da CPMI, é a briga entre a TV Record e o Grupo Abril. Irritada com a notícia de que grupo terá cem milhões de prejuízos em 2012 a Record fez coro com o PT e o ex-presidente Collor acusando a revista Veja e seu diretor da sucursal de Brasília, jornalista Policarpo Junior, de terem ligações com Carlinhos Cachoeira.

Então fica combinado o seguinte: lenha na imprensa...



Lula X Mendes: autoridades nos tratam como colegiais no recreio

Quando a bagunça fugia do limite (acabava em tapa, choro e guarda-pó rasgado) nossa professora do antigo primário encerrava o recreio antes da hora. Dava um grito, o silêncio voltava, fazia um pedir desculpas ao outro e todos se dirigiam à sala de aula. Se tentasse desvendar todos os arranca-rabos o restante da manhã estaria perdido, melhor, então, acabar a brincadeira logo. Algo assim ocorreu no suspeito incidente entre o ex-presidente Lula e o Ministro Gilmar Mendes do Supremo Tribunal Federal.

Diante desse fato triste (Lula interfere no Judiciário para amorcegar o processo escabroso do Mensalão) o espírito da professora baixou. E baixou mal, não há criança e o assunto é sério porque diz respeito à nossa confiança nas instituições. Recordem: confiança é a chave para a sanidade da vida individual e coletiva. O que será de nós se a cada dia que passa aumenta a desconfiança sobre tudo?

Mesmo diante de possível “onda de suspicácia” (no dizer de Mendes) que pode contaminar o Judiciário (já abalado em sua credibilidade) o que vemos? Autoridades minimizando o incidente como se fosse briga de recreio de escola ou fazendo blague do episódio, tratando os brasileiros aqui da planície como anencéfalos.

Segundo a imprensa, diante do grande impacto do bate-boca público entre Lula e o Ministro Mendes “o Palácio do Planalto articulou uma operação abafa. A tentativa de deixar de lado o assunto uniu integrantes dos Três Poderes”. Entenderam? O fato de um ex-presidente (em exercício segundo os jornais) ser denunciado por coagir integrante da alta corte de Justiça não é assunto que interessa aos comuns mortais, aos cabeças de bagre como eu, tu e ele ali. Isso é da alçada para quem (com o meu, o teu e o voto dele) foi posto entre os deuses do Olimpo e agora tripudia crendo sermos imbecis.

Entre os do Olimpo quem foi “divino” foi o gaúcho Marcos Maia, presidente da Câmara Federal. Na cômoda cadeira que ocupa entre os deuses, ele disse: “Temos que dar um chá de camomila para todos os envolvidos.” Que coisa mais meiga, o terceiro homem na hierarquia do Poder da República sugere chá para quem age para afetar nossa confiança nas instituições. E ao redor muitos acharam engraçado...

Já o ex-presidente fez beicinho. Magoou! De forma mimosa (algo inusitado para sua biografia) diz que se cuidará com quem fala daqui para frente. Proposta indecorosa só fara para íntimos? Lula disse que vai tomar cuidado em relação a uma minoria que não gosta dele. É crível? Pode?

E o ministro Gilmar Mendes é ingênuo ou de boa-fé? Foi assim, num upa a uma reunião no escritório de ex-ministro de Lula? É amigo do peito de Nelson Jobim? Foi beber chá, uísque, comer frutas? Foi conversar? Não sei! Só sei que sua declaração após encontro com dois expoentes da política estarrece pelo alto teor de veneno nela contido (veneno que mata indiscriminadamente fé, esperança, confiança, honestidade): “A gente está lidando com gangsteres. Vamos deixar claro: estamos lidando com bandidos. Fiquei perplexo com o comportamento e as insinuações despropositadas do presidente”.

Afinal, ministro Mendes, perguntar não ofende, daria para revelar o nome dos bandidos, dos gangsteres que o senhor se refere? É só pra saber, não vai mudar nada mesmo. Este é o Brasil, lei (e ética) é coisa feita só para pé-de-chinelo (nós da planície).

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Perplexidades: Petrobras, Guevara, os universitários, Maluf e Cavendish

O amansa-burro do professor Aurélio diz que perplexo é o sujeito espantado, admirado, atônito. Andamos assim. Nada surpreendente para quem vive num país onde, não raro, a ficção assume no cotidiano as dimensões de realidade esquizofrênica.

Nestes tempos em que tudo fica registrado, pois nada escapa ao olho atento do cidadão, as perplexidades que nascem dos fatos vão minando nossos sonhos, solapam nossas pequenas ilusões, nos fazem mais frios, mais céticos. E isso até pode ser bom, pois é saudável saber com que estamos tratando.

Vejam o caso da Petrobras, por exemplo. Em plena Rio+20 comunica ao mundo vidrado em desenvolvimento sustentável um plano que aumenta os investimentos em combustível fóssil (petróleo e gás) e reduz a grana para o setor de biocombustíveis (etanol e biodiesel). Por qual motivo a presidente da Petrobras coloca uma saia justa dessas na sua amicíssima presidente Dilma?

E o caso, também, do jovem participante da Rio+20 que falou em debate democrático, respeito à diversidade vestindo camiseta com a célebre foto de Che Guevara. Quer dizer, jovem é outro papo, mas ele, com certeza, no tempo do famoso guerrilheiro seria enviado para um centro de reeducação no distante local no interior do País, bem como ainda fazem hoje na Coreia do Norte, se falasse em diversidade e democracia.

E o que dizer do papelão de nossos universitários de Passo Fundo e São Paulo? Bem, no mínimo afirmar que eles acabam colocando dúvidas sobre a máxima de que a educação é a chave do nosso futuro. Em Passo Fundo, três futuros dentistas, fazem farra grossa destruindo um telefone público em cena de vandalismo por demais deprimente. Além de mal criados mostraram-se bobões, pois a estripulia foi feita sob o "olhar" frio da câmera de segurança (George Orwell tinha razão: o Grande Irmão tudo observa). Em São Paulo, os meninos que pedem melhores condições de ensino em universidade federal foram ao quebra-quebra para exprimir os desencantos.

Espetacular, ainda, é a disputa acirrada entre o PT de Fernando Haddad e PSDB de José Serra (que concorrem a prefeito de São Paulo) pelo apoio de Paulo Maluf. Tido como gênio do mal, execrado por todos os ângulos, Maluf (irmão siamês de Sarney do PMDB em matéria de malandragem) se tornou pedra preciosa por causa de seu domínio no PP paulistano, o que significa dar mais tempo de TV ao candidato que ele apoiar. E a vice de Haddad, Luiza Erundina diz que a eleição "será uma luta de classes" e que (com apoio de Maluf) defendeu a implantação do socialismo no Brasil. Haja saís...

Sobre essas tratativas do PT e do PSDB em busca do apoio do PP Paulo Maluf foi tão claro que explicitou o caos da nossa estrutura partidária: "Tenho conversas com todo mundo, todas muito elegantes. Não há mais esquerda ou direita, o que há são segundos na televisão". Queremos seriedade na política com 30 partidos políticos negociando noite e dia? Já no Congresso Nacional, senadores e deputados se articulam para blindar o empreiteiro Fernando Cavendish, dono da Delta, impedindo sua ida à CPMI do Cachoeira.



Maluf sepulta a esquerda; Lula leva a coroa de flores?

A esquerda brasileira adoeceu quando o recém-eleito presidente Lula se achega a Sarney (expoente civil da ditadura) em nome da governabilidade, pífia desculpa – soube-se cedo – para a permissividade aqui instalada. Desde então seu estado de saúde só piorou por sepultar todo e qualquer tipo de postura republicana em suas atitudes.

Com o autor de “Marimbondos de Fogo” havia Maluf (outro baluarte do regime de exceção) e pronto: o braço civil da ditadura renasce forte em Brasília. Como era de se esperar, Sarney, aos poucos, de modo quase imperceptível, vai desidratando a esquerda dos anos 60 que assumira visando concretizar a utopia do novo Brasil. A culminância desse processo deu na semana passada: com sorriso de vampiro da Transilvânia Maluf sepulta a utopia gestada na resistência aos anos de chumbos. Ao lado, como quem mandava coroa de flores, Lula sorria a auto-suficiência que se tornou peculiar ao incorporar o espírito dos caudilhos sul-americanos.

Quanta ironia: Paulo Maluf, trambiqueiro caçado pela Interpol (no-va rebelde do Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo e ungiu Sarney) ri por último: a oficialização da morte (falecera no Mensalão) da esquerda tupiniquim encerra o processo com raízes no golpe que levou os comunistas russos ao poder. Ou seja, o acordo do PT com Maluf para eleger Fernando Haddad (intelectual respeitado que vira atônito candidato sem voz nas mãos de Lula), mata aqui também a utopia em busca do homem novo. Apesar de morta no Leste Europeu, na África, na Ásia no Caribe e outras partes da América Latina, no Brasil a utopia teimava em nutrir sonhos. Pois é, agora se foi.

Haddad acha em Maluf resposta para sua perplexidade? Em 2008 indagou: “Se o socialismo real fez água, se a revolução não está disponível; se a socialdemocracia do ocidente industrializado mostrou seus limites e se o neoliberalismo não oferece uma alternativa à altura: o que resta à América Latina para o século XXI?” Restou Maluf?

Emblemático, ainda, o local para as exéquias: o jardim de Maluf. Ali a utopia da esquerda servirá de adubo orgânico para o projeto pragmático da direita? Disse a grande imprensa que foi Maluf quem insistiu para que o registro fotográfico do acordo fosse na sua residência. Quis deixar claro para o Brasil que foram “os caras dessa esquerda que me azucrinou, que me acusou de tudo e mais um pouco, que me procuraram pedindo apoio”. Embora os sociólogos de plantão apelassem até para Antônio Gramsci e Paulo Freire para explicar o acordo Luiza Erundina e Marta Suplicy não tiveram estômago.

O caso desse pacto assombroso de Lula e Maluf é dramaticamente tão perverso que obriga a duvidar de que algum dia o Brasil mudará. Ao longo do jogo político lá em cima Sarney sempre fez qualquer negócio, Maluf também e agora, Lula, aluno aplicado, vem fazendo qualquer negócio. Por que eu devo crer que algo poderá mudar?

O fato nos remete a outra questão intrigante: por que as esquerdas se submetem com tanta facilidade aos encantos da tal de direita que sempre abominam?

E por que figuras como Sarney e Maluf se perpetuam exercendo grande poder com tanta facilidade independente de quem governa: esquerda, direita, civil ou militar?



Josef Stálin & Adolf Hitler, venenos do mesmo frasco

Os primeiro textos e os incipientes debates em torno da Comissão da Verdade desnudam postura esdruxula: o tratamento assimétrico dado a duas aberrações humanas. Enquanto Adolf Hitler (de carona as ditaduras de direita: chilena, argentina, brasileira) é mostrado como assassino perverso que exterminou seis milhões de judeus, Josef Stálin é reverenciado com a fé medieval da inquisição (e as ditaduras cubana, chinesa, russa, passam ao largo).

Nenhuma novidade nessa excrescência, pois a postura de justificar os crimes de Stalin se insere, entre nós, em algo profundo na medida em que ele próprio se sentia um ser superior (o deus do centralismo democrático!). "Nós bolcheviques, somos pessoas de um talhe especial", dizia o ditador "homem novo" e "do mundo novo". Ironia, dentro do líder da redenção do proletariado vivia um aristocrata enrustido: o czar vermelho.

Responsável por matança inominável (junto com Lênin, para quem revolução sem pelotão de fuzilamento não tem sentido), Stálin disse a Sergo Béria (citação de Simon Montefiore): "os bolcheviques são espécie de ordem religiosa-militar". Simon cita ainda que "a ordem dos portadores da espada de Stálin assemelhava-se mais aos templários, ou mesmo à teocracia dos aiatolás iranianos, do que a qualquer movimento secular". Seus membros "morreriam e matariam por sua fé no progresso inevitável na direção do aperfeiçoamento humano, sacrificando suas famílias com fervor visto só nos massacres e martírios religiosos da Idade Média - ou Oriente Médio". Até hoje é assim!

A carnificina gerida por Stalin foi justificada "por essa fraternidade impiedosa". Matou tanto que chegou ao ponto dele próprio temer o mostro assassino que se tornou seu governo. Um exemplo ilustra a índole criminosa do estalinismo: dos 1966 delegados presentes no 17º congresso do partido 1108 foram presos e poucos sobreviveram.

Os crimes de Stalin foram denunciados por Nikita Khrutchev no congresso dos comunistas soviéticos em 1953. Depois, já primeiro-ministro, ao participar de reunião partidária, pede que lhe façam as perguntas por escrito. Alguém quer saber por que não denunciara o terror de Stalin, quando o ditador estava vivo. Raivoso, Khrutchev grita: "Quem fez a pergunta?". Ninguém se acusa. Ele responde: "Pela mesma razão que você não se apresenta agora; simplesmente por medo". Khrutchev avalisa a psicóloga Ana Beatriz Barbosa da Silva: "é importante que se diga que quando nos sentimos inseguros as pessoas de mau caráter podem fazer conosco o que bem quiserem".

Entre 1917 e 1953, ano da morte de Stálin, expurgos, fome, deportações em massa, trabalho forçado no Gulag e fuzilamentos mataram mais de 20 milhões de pessoas na antiga URSS. Por isso, não poucos admitem, hoje, que Stálin (como Hitler) era psicopata. Cito Ana Beatriz sobre psicopatas: "podemos dizer que são verdadeiros predadores sociais, e às vezes seus atos são tão chocantes que instintivamente nos recusamos a reconhecer a sua existência". Ela vai mais longe: "os psicopatas são frios, calculistas, insensíveis, inescrupulosos, transgressores de regras sociais e absolutamente livres de constrangimentos ou julgamentos morais internos".

Resumindo: não chegaremos à verdade, como quer a Comissão, sem um olhar gélido sobre a influência dessas duas aberrações (Hitler e Stálin) entre nós. Sem isso e sem sopesar as repercussões da Guerra Fria aqui dentro é tapar o sol com peneira...



Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Mantega e o meio ambiente, Paraguai, Gabriela & imprensa

UM - Quando se analisa a postura do governo brasileiro pela ação dos Ministros Guido Mantega, da Fazenda e Izabella Teixeira, do Meio Ambiente, o que vem à nossa mente é uma biruta de aeroporto. Quando piá ficava encantado com o movimento e o barulho da biruta do pequeno "campo de aviação" de Palmeira das Missões; hoje fico perplexo com essa biruta que as contradições da economia mundial e o ambientalismo produzem. O efeito da ação de um visa eliminar o da ação do outro. Enquanto Mantega, suando com a marolinha da crise internacional que teima em encolher a economia, bota lenha na caldeira da máquina que faz o povo consumir (consumir, consumir, consumir tudo e de tudo a qualquer custo) a ministra faz esforço hercúleo no caminho inverso. A ministra sabe que o modelo do Ministro Mantega vai nos levar ao caos no longo prazo, e o ministro sabe que o modelo da Ministra Izabella nos leva ao caos em curto prazo. Como dormir em paz? Pois é, esse o impasse que balizou a Rio+20.

DOIS - A Argentina (ressuscitando o peronismo falido), o Uruguai (alegando pressão brasileira), a Venezuela (com a conhecida truculência chavista) e o Brasil (meio encabulado pela política externa de "companheiros") fizeram no Paraguai o que sempre odiaram na postura do big stick de Theodore Roosevelt dos Estados Unidos em relação aos países fracos que contrariavam seus interesses. Cínicos: ao invés de preocupação com democracia só cuidados com o companheiro Fernando Lugo. Primeiro, com grande porrete em mãos, o emissário de Chaves açula um golpe de estado entre os militares paraguaios (em plena Assunção) e, depois, Brasil, Argentina e Uruguai tripudiam o Paraguai no MERCOSUL. É praga na América do Sul: quando copiamos os Estados Unidos, copiamos o que eles têm de pior! (Refrescando a memória: para copiar Bill Clinton, Lugo gostava de governar fazendo sexo com assessoras!)

TRES - Com vulcânicos 17 anos o homem-piá acompanhou seu Nacib percorrer embevecido o território paradisíaco posto ao deleite pela estonteante Gabriela. Olhos esbugalhados seguiram os lábios do turco sorver encantadoras coxilhas, excitantes montículos, provocantes cavidades. Sua mente, encharcada por inteiro (ele me contou), produz transbordamentos típicos dos jovens que ocupavam os antigos paióis (quando isso terá fim?) e depois os levavam ao confessionário. Ele faz argutas observações sobre a filmagem que elevou a audiência masculina da novela e perguntou: "como o marido dessa moça fica depois dessas cenas?" Sem convicção disse que ali estavam tratando de arte! Ele retrucou: "Quer dizer que quando é arte pode tudo?" Mudei de assunto e disse que não via problema algum em ele ir para o paiol quando achasse necessário. Mania de essa piada querer resposta sobre tudo...

QUATRO - Sempre que falam em "democratizar a comunicação" em "controle social da imprensa", tenho urticária. Tal asneira, agora, quer criar asa no Rio Grande do Sul. Tem jornalista canalha? O Brasil está cheio deles. A Globo é poderosa? É. A Veja incomoda? Sim. A RBS, cá dos pampas, é poderosa? Sim, a RBS é poderosa. A Folha de S.Paulo é poderosa? Sim. O que fazer, então, quando alguém se sentir prejudicado? Lamento mas o único caminho é o Poder Judiciário. Tais controles que tanto agradam a esquerda boçal e messiânica, sempre terminam em tragédia. A liberdade de imprensa é a mãe de todas as liberdades, sem ela a resultante sempre (repito, sempre) são governos tiranos, assassinatos em massa. Mais: desconfie sempre (repito, sempre) de quem propõe isso, pois o cara, na maioria das vezes, é psicopata que se sente um deus e sempre (repito, sempre) terá seguidores ignorantes que não aprendem com a história.



Sarney, Maluf & Lula

Uma reflexão mais franca com nossos botões confirma: a pobreza de lideranças políticas é franciscana. Vigora inquietante miserabilidade. Para país onde é astronômica a quantia de eleitores que dizem votar na pessoa e não no partido isso se constitui em tragédia. Na prática, quem possui 30 partidos políticos não tem nenhum (impossível um com ideologia e programa claros); assim, óbvio, torna-se fácil o exercício do poder ocorrer fora de princípios republicanos. Aqui está a raiz de nossos males.

Essa tragédia se percebe claramente na internet, desaguadouro do desespero de muitos brasileiros, com a campanha para anular o voto. Lembro bem de iniciativa semelhante nos anos de 1970: o voto nulo fortaleceu a Arena, justo quem queríamos derrotar. Mas deixa estar, cada cidadão é livre para expressar sua angústia como desejar.

Nós, brasileiros, não possuímos o que nossos professores definiam como sendo o estadista (não confundir com populista), ou seja, alguém de saber notável, integridade absoluta, de visão aguçada que governe objetivando o interesse coletivo, o bem geral da Nação. Um tipo Nelson Mandela, por exemplo, que ao sair da prisão assume o governo da África do Sul sem qualquer ânsia de vingança pelas injustiças sofridas no passado e se torna, para muitos, um dos maiores líderes morais e políticos de nosso tempo.

Nós temos o que mesmo que se compare a um estadista? Em nosso imaginário a figura mais forte que viceja é a de Getúlio Vargas, ditador que nos governou com mão de ferro. Para quem gosta da democracia tê-lo com ídolo é, no mínimo, contraditório. Juscelino esteve longe de ser estadista, Jânio esteve mais para delegado de costume, Jango foi fraco na hora decisiva. Com a postura que vem mantendo e o prêmio que ganhou da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos Fernando Henrique Cardoso começa a ganhar inusitada respeitabilidade interna e externa.

Na ativa temos o eterno José Sarney que, segundo Palmério Dória, é a negação de tudo o que se define como republicano. Ganhou musculatura na ditadura militar e, com faro para detectar movimentos do porvir na política, deixa os militares e se torna menina dos olhos da esquerda (particularmente no governo Lula) que chegaria ao poder na redemocratização. Quem mais? Ah, sim, sim, Paulo Maluf, outro eterno, procurado pela Interpol e que não está na cadeia somente porque nosso aparato de leis é hábil apenas para colocar ladrão de galinhas atrás das grades. Em qualquer pai mais sério os dois não teriam o poder que possui, não deteriam o peso que aglutinam na máquina pública, não teriam tanto prestígio no aparato partidário.

Mais quem? Tem Luiz Inácio Lula da Silva, amado pelo povo, mas que titubeia nos escaninhos do populismo e da vaidade adorando o próprio umbigo. Ele deu um tiro na sua bela biografia e na possibilidade de se tornar estadista com o mensalão e fez disparo quase de misericórdia ao tentar justificar como postura pragmática a busca do apoio de Maluf para seu candidato a prefeito de São Paulo. Não bastasse isso queima pontes que levam ao patamar de estadista intervindo em assuntos internos de outros países, como fazer campanha política em favor de Chaves na Venezuela.

Nossa realidade atropela a ficção, humilha a teoria política, espanta sociólogos e filósofos. Acho que não nasceu o ficcionista capaz de montar 50 anos de história de um país aonde personagens tão díspares quanto Sarney, Maluf & Lula cheguem, na atualidade dividindo a cena política nacional como se fossem "companheiros de longa jornada (como vinho da mesma pipa?). Ou seria dividindo o butim?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Lula e o mensalão & o Bolsa Família

UM - Texto de Ferreira Gullar em torno do mensalão esquentou as redes sociais no fim de semana. O poeta disse que Lula sem dúvida sabia de tudo o que acontecia e que “em tudo interferia, por meio de seus paus-mandados”. Gullar não mediu palavras: “É evidente que Lula não podia ignorar o mensalão porque não se tratava de uma questão secundária de seu governo”. O artigo que ele escreveu na Folha de S.Paulo tem por título “Só o chefe não sabia”. Como se diz na gíria “foi golpe nos rins”.

Nessa manifestação, escrita em alto nível, o que mais chama a atenção é a reação da tropa de choque (ou seriam os latidos estridentes dos cães de guarda?) com objetivo de desqualificar o poeta. Essa tem sido a tática mais comum do comando do PT, ou seja, não entra no mérito, não vai ao ponto, não contesta o argumento, apenas descarrega sua bílis para ofender, denegrir, amedrontar quem ousa a expor sua opinião. Tem gente que se presta para tudo, inclusive para esse triste papel.

Gullar não está sozinho nessa tese (embora negue agora, por mais de uma vez Lula admitiu conhecer tudo). Mais gente do que se imagina pensa como o poeta. Também tenho comigo que é impossível aceitar que Lula nada sabia sobre o que ocorria no Palácio. E Lula não teve o mesmo destino do ex-presidente Collor de Melo porque a oposição, em nosso país, é muito frágil e parte foi desmoralizada pelo escândalo.

A existência do mensalão é fato trágico no processo de assunção de parcela da esquerda ao poder no País (falo em parte da esquerda porque militantes do PSOL e do PSTU alertaram que a generalização pode prejudica-los, pois no caso do mensalão nada devem, pelo contrário). Agora, negar a tragédia que se constituiu o escândalo é tentar tapar o sol com a peneira. Para quem enfrentou a ditadura é lamentável constatar que o padrão ético embutido ao discurso pela mudança (no qual foram distribuídas ofensas para todos os cantos) ficou no papel. Não há como não insistir: dói verificar que, no poder, o PT fez pior do que a direita mais renitente. Daí, talvez, o desabafo do poeta.

E ontem, confirmando expectativa, o advogado Luiz Francisco Barbosa defensor do presidente do PTB, Roberto Jefferson bradou no STF: “Eu digo, o presidente Lula não só sabia, como ordenou o encadeamento de tudo isso que essa ação penal escrutina. Deixaram o padrão de fora. Deixaram não, o procurador-geral da República deixou”.

(Falando em padrão ético de mentirinha: é dose pra mamute ouvir advogado, deputado, governador, dirigente partidário do PT, dizer que o mensalão, ou seja, a compra de parlamentares não existiu, foi apenas caixa dois. Caixa 2 não é crime? Bem, nesse joguinho de palavras – ou de crimes, ou de postura ou de engana bobo, ou de faz conta – recordemos que Al Capone só foi parar na cadeia por sonegação de impostos).

DOIS - Ultimamente, de quatro em quatro anos, nas eleições municipais, entra em ação um tipo de cabo-eleitoral perverso que nega tudo o que diz defender. Trata-se de um escroque de marca maior especialista na exploração da fragilidade das pessoas mais humildes. Num grau de covardia sem precedente entra na casa dos beneficiários do Bolsa Família e faz a mais cruel de todas as ameaças: se não votarem no candidato que ele apresenta a família vai perder o benefício.



Menos liberdade individual?

A instituição da lei foi avanço civilizatório. Para o eterno desconforto dos anarquistas. Em busca de harmonia coletiva os indivíduos fizeram concessões sobre parte da sua liberdade. Num processo que está longe de ser concluído estamos nós, a humanidade, numa eterna gangorra: lei de menos é confusão, lei demais é opressão, algemas em abundância. Nossa noção de senso comum (onde mesmo fica a virtude?) parece estar embotada.

Nós temos experimentado essa gangorra. Aqui entre nós, nós brasileiros em arroubos de entusiasmo juvenil, durante os anos mais duros, já cantamos nas ruas, nas praças, nas passeatas, nas escolas “é proibido proibir”. Não faz muito tempo. Num período da história onde o espaço era pouco exigíamos menos proibições, ou seja, menos lei regulando nossas vidas, sufocando nossos sonhos. Agora que aparentemente temos todo espaço para nos movimentar, parece que estamos numa cruzada por mais proibições, por mais leis.

Tem algo diferente, mais pesado, no ar que. A turma do politicamente correto, por exemplo, ganha notoriedade e apoio com a visão de que precisamos de lei para tudo, até para quem larga cusparada na calçada. E, como decorrência da nossa cultura de somente valorizar o perdemos, o apoio a essa turma cresce de forma intrigante. No ritmo que tudo anda diremos, não vai demorar, de forma assustadora. O filósofo Luiz Felipe Pondé, da PUC de São Paulo já falou sobre a postura fascista embutida no comportamento de boa parte dessa turma do politicamente correto. Alguém mais vai dar ouvido?

Outro dia registramos aqui a preocupação de jovem advogada, doutora em direito da Universidade de São Paulo, com o que ela definiu como “histeria de determinadas bandeiras da intelectualidade esquerdista que quer resolver com o Direito Penal comportamentos que poderiam ser coibidos com multas ou orientações da família e da escola: bullying, abandono de animais, casos de desrespeito ao ambiente e de discriminações”. Foi o brado da jovem doutora Janáina Conceição Paschoal, sobre o conjunto de sugestões de uma comissão de juristas para Novo Código Penal.

Trata-se de fenômeno internacional que nós brasileiros, como sempre, copiamos. E ocorre dentro de sociedades democráticas que vão perdendo a noção do que deve ou não deve ser regulamentado pela lei, ou seja, proibido. Com isso deixamos para o Estado determinar, com crescentes minúcias qual deve ser nosso comportamento. Com isso, vamos entregando aos outros nacos e mais nacos de espaços da nossa liberdade. O jornalista James Delingpole, por exemplo, analisa a entrada da Inglaterra “em uma nova era em que o politicamente correto ensandeceu”. Protesta por que lá (como aqui vamos constatando) querem controlar até o tipo de piada que o povo pode contar.

Destaca Delingpole que durante os treze anos de Tony Blair no poder “o novo governo trabalhista conseguiu criar mais de três mil novas infrações”. Os empertigados ingleses andaram perdendo a cabeça? E lembra que quase metade delas pode levar o cidadão para a prisão, inclusive por “não ter licença para realizar um concerto na igreja, fumar num logradouro público, vender um esquilo cinza, fazer um transbordo não autorizado de um peixe ou desobedecer a um inspetor de saúde ou segurança”.

A pergunta: o Brasil (enquanto sociedade! Ho, ho, ho) terá força para bloquear tal processo de pasteurização antes que o pior aconteça? Não tenho bola de cristal, mas se o que está na rua vingar não precisamos de esforço para prever o amanhã e teremos nova enxurrada de leis só para fazer do cidadão um refém chantageado pelo mandão de plantão, pois nos faltam condições para cumprir todas as que existem...



Delírios de “mensaleiros”

Para a história de parte da esquerda brasileira não há capítulo mais doloroso (com odor de vela queimando em velório) do que o julgamento do mensalão. Doloroso, principalmente, para aqueles que perderam a vida no decorrer de trajetória de sangue durante o período em que a utopia corria pelas ruas para fugir do alcance dos cassetes.

Fico observando a trajetória de figuras carimbadas que ofereceram o melhor da sua juventude em favor de uma causa nobre e tenho dificuldade para entender como pararam no banco dos réus, patrocinando espetáculo mais do que deprimente. O que realmente aconteceu com essa parcela da geração que lutou contra a ditadura? Entender pode ser a ocasião para alertar aos jovens para que não sejam tão parvos quanto são alguns que teimam em não enxergar mesmo com a chegada da velhice...

Somente a cegueira típica de messiânicos ingênuos, a empáfia dos que se autoproclamaram timoneiros de um novo tempo e os afobados bossais críticos “da moral burguesa” fez crer que no Brasil o processo de que os fins justificam os meios poderia terminar diferente, ou seja, em algo positivo para toda a sociedade.

Não há exceção: em todas as partes do Planeta o resultado final dos adeptos de que os fins justificam os meios foi trágico para as populações que acabaram sofrendo duas vezes. Quem herdou a riqueza da URSS? Quem são os ricos da China? Qual é o estilo da família de Hugo Chávez que a basbaquice tupiniquim incensa? Como entender uma Coreia que esmola para alimentar seu povo?

E, tristemente, como a dizer que o processo do mensalão é pouco, como a referir que ele não basta em si, somos obrigados a suportar novos constrangimentos de parte de quem tenta teima em mistificar. Na longa lista dos delírios típicos de quem perdeu qualquer noção do contato com a realidade colho, entre várias, uma pérola da malandragem que ainda vai dar muito do que falar.

Demonstrando didaticamente que a cara de pau não tem limites o petista João Paulo Cunha (condenado por corrupção e peculato pelo STF no processo do mensalão) lidera um grupo que pretende denunciar o Brasil à Corte Interamericana de Direitos Humanos. Vai alegar que o Supremo Tribunal Federal não respeitou o direito dos réus e que os ministros que o condenaram e estão condenando os demais réus do mensalão, agiram por motivações políticas.

Essa sandice tem a simpatia do ex-presidente Lula que, agora mais calado sobre o tema, sente parte de seu patrimônio político se esvaír por causa da sua “cegueira” e “surdez” nesse que se tornou o maior escândalo da República. Essa atitude do petista João Paulo Cunha acaba nos humilhando a todos e parte do princípio de que vivemos em republiqueta de bananas ou, o que é pior, numa ditadura onde o Judiciário obedece a ordens de um poder espúrio. Seríamos, por exemplo, como a Alemanha de Hitler e seus crimes de guerra, na opinião desse cidadão.

É uma sandice em cima da outra: o grupos que deseja levar o Brasil à Corte Internacional dos Direitos Humanos sob a alegação de um Judiciário subserviente, é o mesmo grupo que apoia países com as piores ditaduras do Planeta.

Bem que poderíamos ter sido poupados de mais este delírio “mensaleiro”...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



O kamikaze & o homem-bomba

É fatal: basta um maluco qualquer, em qualquer parte do mundo, fazer qualquer provocação que parte do mundo muçulmano se convulsiona em termos que, para nós, os pecadores ocidentais, parece o fim do mundo. É outro motivo de angústia, mesmo estando longe. Foi assim com as polêmicas caricaturas do jornal dinamarquês Jyllands-Posten sobre Maomé em 30 de Setembro de 2005, que satirizavam a figura do profeta e é agora com o cineasta estadunidense com seu filme tido como de baixa categoria e vai ser assim enquanto as motivações de hoje não forem superadas.

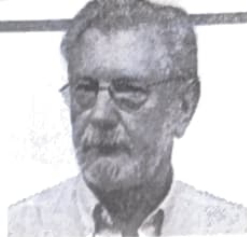
Não é fácil entender o fenômeno com profundidade, pois acho que agora a crise econômica também pesa. Alguns tópicos, porém, são possíveis. Um deles, o mais óbvio, é que, nessas ocasiões, o antiamericanismo barato aflora de modo mais primário e nos cega. Para quem acredita que as reações dos malucos de lá só se destinam a abater os Estados Unidos é bom recordar a frase de Osama Bin Laden após os aviões liquidarem o World Trade Center: "Os valores da civilização ocidental sob a liderança da América foram destruídos. Aquelas impressionantes torres simbólicas que falam de liberdade, direitos civis e humanos foram destruídos. Desapareceram na fumaça".

Outro aspecto: as reações insandecidas de queimar símbolos e assassinar pessoas que representam o demônio (ou seja, instalações americanas e cidadãos americanos) é alimento nutritivo para os interesses de quem governa com mão de ferro. Lembro-me da emoção que tomou conta de mim quando vi queimar (no fogo vermelho da purificação) a primeira bandeira dos imperialistas. Entendeu, cara-pálida?

O processo de fanatização é mais simples do que se imagina. Basta botar goela abaixo do cidadão (melhor é iniciar o processo no berço) uma verdade incontestável (Deus exige?), determinar recompensa extraordinária (dezenas de virgens com lábios de mel) para quem segui-la ao pé da letra (mesmo que seja na base do faça o digo, não o que faço) e escolher um inimigo grandão, quanto maior, melhor (no caso os EE.UU, ou melhor, o ocidente). Ai está a receita para o homem-bomba (já tiveram notícia de algum aiatolá-bomba?).

E isso tudo continuará e inclusive se exacerbar enquanto nessa parte do oriente não for possível, ao devoto, fazer distinção entre política, economia, ciência e religião. Essa visão homogeneizada, pasteurizada, ou seja, fazer da sociedade e do cidadão uma coisa só (mistura de coisas distintas que se torna algo explosivo), é traço comum nos estados totalitários: Alemanha de Hitler, Itália de Mussolini, Japão de antes da II Guerra, China de Mao, Rússia de Stálin, Cuba de Fidel, Coreia do Norte dos Kim...

Um lado esperançoso desses acontecimentos está no fato de que as coisas, por mais trágicas que pareçam, podem mudar. Lembram dos kamikazes? Os pilotos de caça e os homens-torpedo do Japão? Pois é, os japoneses, que odiavam tudo o que era do ocidente e se matavam como moscas na esperança de liquidarem o demônico construído em suas mentes por seus líderes e intelectuais, superaram essa cultura da morte e se tornaram exemplo de paz para todos. Isso pode acontecer nessa parte do oriente, com os povos de lá viverem como desejam, mas aceitando as diferenças? É o que esperamos.



Uma praga que permanece: a intolerância com o diferente

Desde a antes da invenção do vidro – que permitiu o mergulho no universo do mundo pequeno com o microscópio e o voo no universo do mundo grande com o telescópio – a humanidade fez maravilhas. Maravilhas inimagináveis. A lista é grande, tão grande que já colocamos artefato em Marte.

Em compensação, parece que parte de nós ainda não saiu da sopa produzida pouco depois do Big Bang e que nos deu origem. Parte de nós teima em rastejar no que há de mais primário no cosmos e insiste em manter pulsando a intolerância com o que é diferente: cor da pele, religião, sotaque, sexo, língua, idiossincrasias, tamanho do nariz!

Quando levamos a questão para o campo da razão a bananosa só aumenta ao mostrar o quanto somos pequenos, embora as maravilhas produzidas.

Parte dessa espécie de doença é explicada pela ignorância, pois na medida em que conhecemos de perto o que tememos ou execramos mudamos o modo de agir e nos tornamos tolerantes. Nosso instinto tribal é um componente poderoso contra a aceitação rápida do diferente, mas desde antes de Marco Polo fomos conhecendo o mundo e admitindo que o outro não é necessariamente um demônio por ser diferente, por pensar diferente, por possuir crença diferente.

Então, a superação do preconceito contra o diferente, a eliminação do medo que aguçava a intolerância com a diversidade pode estar associada à educação, pode ser algo a ser transposto pela informação, pelo conhecimento.

Entretanto, a manipulação desse condicionamento tribal exacerba o nosso medo a tudo que diverge de nossa visão de mundo que e nos leva facilmente ao fanatismo. E o fanatismo sempre desemboca no terror. Religiões e partidos sectários são dotados de boa capacidade de manusear a mente das massas jogando-as no que há de mais insano.

No campo da religiosidade a situação é mais complexa por envolver Deus e por que o culto à morte como rito de passagem para a vida eterna exerce fascínio descomunal sobre as pessoas que assumem determinada fé, geralmente conduzidos por líderes carismáticos oportunistas. São muitas as atrocidades na história cometidas por gente de fé inquebrantável. As Cruzadas e a monumental epopeia de caça às bruxas se inserem nessa perspectiva. O remédio, aqui, é estabelecer fronteira clara entre o que é laico e o que é parte de minhas crenças relativas ao transcendente. A parte do mundo que avançou nesse sentido está menos tensa.

No perímetro da política a fé também é importante e a cultura da morte como elemento redentor está presente. Aliás, aqui a política assume contornos de religião na medida em que exige postura cega de seus seguidores (e acenam com uma parusia). Os comunistas, por exemplo, inventaram “centralismo democrático”, que em nada deve aos dogmas das religiões. Diante de qualquer discordância o líder apela ao “centralismo democrático” que nada mais é do que a vontade férrea do tirano de plantão. Nesse contexto o melhor remédio é a democracia liberal, com todos seus defeitos.

A novidade do milênio, nesse patamar da intolerância ao diferente que persiste é que pela primeira vez na história da humanidade entra em pauta armas de destruição em massa para nos assustar ainda mais. Enquanto o mundo ficou atônito com a previsão do calendário Maia ali no oriente próximo Israel e Irã desenham o armagedon num clima de tensão a confirmar que a praga não só permanece como também cresce.

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Novo Prefeito e nova Câmara

Por vários motivos que morrem em dezembro abordepoucoa política local. Esta exceção cabe no contexto de final de campanha: os pitacos são inócuos. Até porque a vontade expressa em urnas está na esfera do sagrado, gostemos ou não do resultado. E, também, por que, como se viu, foi eleição atípica: três candidatos tinham razões para sonhara com a vitória até o início da apuração – o que é inédito.

Para fins desta prosa lembro que há, em regra, dois tipos de políticos: o herdeiro de boa sombra e água frescae o que faz a própria estrada. Nessa linha da ousadia temostrinca da pesadanos últimos anos: Osvaldo Gomes (o primeiro a chegar à prefeitura), Luciano Azevedo (agora eleito) e Beto Albuquerque (que fez outra opção). Pode-se não gostar deles, mas é inegável que são destemidos, sempre vão à luta, possuem olhos de águia e, no poder, buscam não ser mesquinhos ou mornos. Para a Câmara (onde a eleição é mais pedreira) o histórico é de expressiva lista de gente desse time.

Quem acompanhou a campanha de 2012 sabe que Osvaldo foi um fenômeno e se fosse fraco – não fosse desses que fazem a própria estrada – teria jogado a toalha antes do fim tal a sucessão de fatos negativos que o torpedearam. Do mesmo modo, se fosse fraco Luciano não chegaria ao topo (nem faria história ao levar para a Prefeitura, como vice, um comunista). A têmpera de ambos foi reconhecida pelo eleitor.

Por outro lado, René Ceconello teria dado vexame não fossem suas qualidades pessoais, estrutura de campanha, apoio de figuras nacionais e eficiência do marketing. Paulo Marins fez milagre, pois Cecconello enfrentou o descontentamento da população compífia administração atual: o que aconteceu com lixo, rio Passo Fundo, trânsito, saúde, educação infantil, ruas que nos tornaram capital dos buracos, descaso com bens públicos – entre outros – não tem precedentes. A cidade virtual mostrada na televisão não enganou a maioria – a dura realidade foi mais enfática.

Bradimir da Silva e Marcelo Zeni cumpriram com seus propósitos com altivez e são daqueles que concorrem mais visando a construção de seus respectivos partidos do que realmente chegar ao poder agora.

Quanto ao Legislativo corro o risco de queimar a mão: a composição eleita em 7 de outubro é de rara qualificação. Registre, aqui no Diário da Manhã, ainda antes da eleição, que em todos os partidos havia gente de gabarito e a população foi sábia na qualidade e na diversidade na hora de votar.

Aos novatos Rufa, Gleison, Patussi, Wilson, Pontual, Peliciolli, Marcos, Isamar, Tchequinho e Necker peço licença para destaca-los saudando a única mulher eleita, Cláudia Furlanetto, do PT. O faço sem esconder grande perplexidade pela expectativa frustrada na campanha finda: mulher não vota em mulher? A Cláudia, meus olheiros garantem, tem história de serviços sociais, é centrada, é do bem e é aguerrida.

Por ultimo, duas perguntas. Para os reeleitos (Neckle, Alberi, Patric, João Pedro, Dalla Lana e Rui) e para os que retornam (Daneli e Laimer) existe alegria maior do que ter a ação legislativa aprovada pelo eleitor (o dono do mandato)? Nesses tempos pós-redemocratização esta será a Câmara (como já se pergunta pelas ruas) com o maior número de vereadores de esquerda? Responder a tal indagação será um belo exercício. E já ponho lenha no fogo: tendo em conta o conceito de esquerda expressado no período da ditadura militar e da prática de quem assumiu o poder depois dela não, não será. Acho até que primeiro será preciso conceituar o que é ser de esquerda hoje.



Qual esquerda infantiliza? E qual nos embrutece?

Vendo programas eleitorais de partidos de esquerda (qual esquerda?), lembrei-me do que o controvertido filósofo Luiz Felipe Pondé disse na Veja: "a espiritualidade da esquerda é rasa. Aloca toda responsabilidade do mal fora de você: o mal está na classe social, no capital, no estado, na elite. Isso infantiliza o ser humano." Vou fundo: tudo é culpa do sistema, há sempre um sistema atuando para nosso sofrimento foi o que nos ensinaram à exaustão os intelectuais dos anos de chumbo.

O neurocientista Steven Pinker enriquece esse raciocínio: "A primeira reação ao sermos confrontados com o fato de termos feito algo ruim é tentar nos convencer e aos outros de que aquilo não foi tão grave. A segunda é transferir a responsabilidade. Nosso cérebro quer sempre nos fazer acreditar que se agimos mal foi porque fomos provocados". Resumindo a cantilena: o homem é bom, o sistema é que não presta.

Exacerbou-se na América Latina a cultura de passar adiante a responsabilidade e debitar aos outros a culpa pelos nossos fracassos. A esquerda adora apontar culpados para o que não conseguimos ser ou alcançar. Com esse discurso de se eximir das consequências de seus atos parte da geração dos anos 60 chega ao poder e elege Morales na Bolívia, Fernando Lugo no Paraguai, a família Kirchner na Argentina, Chávez na Venezuela e faz democratas de araque cultivar tiranos como os Castro da ilha da fantasia. Talvez por isso a direita (que direita?) ri à larga. E goza engordando...

O que foi definido como esquerda nos anos 60 cresceu cevando discursos contra americanos, burguesia, imperialismo, corrupção (olha o mensalão gente!), FMI, patrões - estes são os mais terríveis. É a favor do que, mesmo? Depois veio o discurso contra a globalização (Marco Polo, Pizarro, Colombo estão pasmos!). Incapaz de proposta exequível a esquerda difusa é exímia em inventar modismos para requestrar o eterno discurso do contra embora nunca saiba o que fazer afirmativamente.

Em campanha para a presidência, Lula disse a Geraldo Alckmin "você, há 500 anos não fazem a coisa certa". Alckmin apatetou, nossa intelectualidade foi ao orgasmo e Lula ganhou. Mas quem sabe do que Lula falava? Coisa como essa é do repertório da esquerda latino-americana (a demagogia da direita é diferente!). Alckmin seria herdeiro de cacique guarani que não soube administrar, em meio às contradições capitalistas, os interesses nacionais? Muitos recordam de palestrantes empoados (na comemoração dos 500 anos do descobrimento) falando a elétricas plateias sobre os 500 anos de exploração capitalista. É, antes de o capitalismo nascer o Brasil já usava suas regras sádicas. Então, na verdade, Pondé disse só parte da missa, a parte que nos infantiliza, não referiu à outra parte, também muito trágica, a parte que nos embrutece.

Ia lembrar que Lula, nos dois governos, usou a cartilha (liberar!) do Itamar-FHC para ter sucesso, mas pego o socialista Felipe Gonzáles por ter mais crédito: "Os países latino-americanos vivem num engano permanente: os políticos ganham eleições com propostas populistas e governam com programas de ajustes. E imprensa, intelectuais e acadêmicos continuam usando o discurso nacionalista e anticapitalista em franca contradição com a realidade mundial, no qual, na maioria dos casos, nem eles mesmos acreditam, mas que repetem como papagaios para ganhar o aplauso da audiência".

Por fim uma dica: quem sabe a gente aproveita a próxima eleição e muda o disco para que os jovens de agora possam ter melhor discernimento (ao contrário da minha geração) e não embarquem em utopias com prazos de validade já vencidos?



Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

A fé move montanhas e pode cavar sepulturas

Não poucos tiveram um 2012 tenso com a previsão de que o mundo acabaria conforme inscrição no calendário da extinta civilização Maia. O medo segue, restam dois meses para um alívio geral, pois é grande número de quem não crê nos desmentidos. A descompressão virá, mesmo, só à meia noite do dia 31 de dezembro.

Não é de hoje que nos angustiamos com a possibilidade do fim de tudo. E poucas coisas geram mais conflito, reações raivosas (principalmente se Deus entrar em pauta) do que duvidar de quem não duvida disso.

Além das previsões de Nostradamus e das citações em livros sagrados sobre o fim dos tempos a humanidade tem se esmerado na geração de intranquilidade, sempre adubando nosso medo e nossa ignorância. As armas nucleares e a tese do aquecimento global antropogênico, por exemplo, mantém de plantão e sempre refrescada a tese do fim do mundo. Claro, com os espertalhões tirando bastante proveito desse caos mental.

Até prova em contrário o aquecimento global antropogênico não nos levará para o beleléu e só voltaremos a acreditar nele depois que o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU recuperar sua credibilidade arranhada com as denúncias do "climagate". O que não dá tranquilidade, pois Planeta estaria esfriando conforme estudo de meteorologistas alemães. E o esfriamento, dizem, é mais nefasto do que o aquecimento. Em todo caso precisamos tempo para saber se a coisa vai ser muito quente, o que é ruim, ou muito fria, o que é pior.

Assim, do jeito que a ciência evolui, o perigo está mais perto do supomos. Não vai longe e montar arma de destruição em massa só dependerá de kit básico a ser pedido via internet (sem força de expressão). Nessa hora quem nos meterá medo, mesmo, serão as pessoas de fé inabalável, dessa fé que move montanhas. Nada de estranho, pois é a mesma fé que já cavou número descomunal de sepulturas na história da humanidade.

Para ilustrar, fiquemos com um homem de fé, temente a Deus que segue ao pé da letra o livro sagrado, pois crê que ele é manifestação direta do seu Deus. Esse homem pegou a Bíblia e lê Deuteronômio 13,12-16: "Quando ouvires dizer, de algumas das tuas cidades que o Senhor teu Deus te dá para ali habitar, que uns homens, filhos de Belial, que saíram do meio de ti, incitaram os moradores da sua cidade, dizendo: 'Vamos, e sirvamos a outros deuses que não conheceis'; então inquirirás e investigarás, e com diligência perguntarás; e eis que, sendo verdade, e certo que se fez tal abominação no meio de ti, certamente ferirás, ao fio da espada, os moradores daquela cidade, destruindo a ela e a tudo o que nela houver, até os animais. E ajuntarás todo o seu despojo no meio da sua praça; e a cidade e todo o seu despojo queimarás totalmente para o Senhor teu Deus, e será montão perpétuo, nunca mais se edificará".

Outro homem, com as mesmas virtudes, lê sobre os incrédulos no Corão. Lê que eles são como animais, que são surdos, mudos, cegos e que sofrerão doloroso castigo. "Matá-los onde quer que os encontréis. Expulsai-os de onde eles vos expulsaram, pois o erro é pior do que a matança... (2, 191). Combatei-os até que não haja mais idolatria e que prevaleça a religião de Deus. Se detiverem sua hostilidade, detende-vos, exceto contra os iníquos" (2-193).

Para ter ideia aonde pode levar se seguidos ao pé da letra tais ensinamentos do livro sagrado dos cristãos e do livro sagrado do Islã basta ver o noticiário diário. De cara vamos preferir os Maias, ou o aquecimento ou até mesmo o resfriamento...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

**Olho por olho,
dente pordente?**

Passo Fundo viveu uma semana incrível com o caso do pai que matou a facadas o sequestrador da filha que já estava nas mãos da polícia. Desde os tensos anos de 1970 quando a cidade era conhecida como a Chicago dos Pampas não ocorria um fato policial que impactasse tanto a população como este que até fez retornar, sob aplausos gerais, inclusive longe daqui, a lei de talião.

Não encontrem quem condenasse a explosão desse pai. O clima de insegurança está tão dramático na vida comunitária local e nacional que um cidadão disse: "isso que aconteceu é horrível, mas não tenho coragem de condenar esse homem". Uma jovem lamentou o ocorrido, mas porque "esse pai estragou sua vida matando o marginal"; outro apelou para que a imprensa "que tanto gosta de sangue não badale o caso para que o juiz que for julgá-lo mais adiante não se sinta pressionado pela opinião pública".

Em algumas rádios as pessoas foram incisivas, se identificavam tranquilamente e aplaudiam ao ato. "Esse homem é herói" disse a dona de casa cansada "das regalias que dão aos bandidos". Outro foi solidário dizendo que no caso faria o mesmo.

Afinal, o que está posto na prática? Sem meias palavras: olho por olho, dente por dente, sangue por sangue, que vem do Código de Hamurabi (2 mil anos antes de Cristo).

E o que revela? Que estamos fartos da impunidade, amedrontados, sentimos-nos inseguros e deixamos de confiar no Estado como responsável por nossa tranquilidade, a estrutura de segurança faliu e os governos, especialmente o central – nos últimos vinte anos – se mostra inepto, irresponsável e incompetente para administrar nossa segurança.

Segurança é conceito relativo ensinou, nos anos de 1960, um ideólogo de que só a luta armada nos livraria da ditadura. O que o povo precisa, dizia ele, é da sensação de segurança, isso é vital uma vida normal. Dizia mais, apesar das tolices cometidas na área pela visão tosca da intelectualidade que credita ao sistema todos os males da humanidade (por isso não coloca segurança como prioridade de governo), segurança é mais importante do que educação, saúde, estradas, etc., pois sem ela é o caos e no caos nada se constrói de duradouro.

É o caos reinante hoje que influencia reações como essa do pai que matou quem feriu sua filha e leva a sociedade aplaudir aquilo que deveria estar condenando.

Vejam: as pessoas só sentem a imprescindível sensação de segurança quando enxergam o policial fardado na rua e o plantão da delegacia de polícia funciona rápido ao ser acionado; quando, ao invés de medo, temos respeito pelo agente da lei e orgulho pelo que faz, quando os policiais trabalham com equipamentos de última geração para enfrentar a bandidagem, quando o promotor público é tido como rigoroso com os bandidos, quando o juiz que é tido como implacável na correta aplicação da lei, quando os aparatos investigatórios e punitivos dos crimes não fazem distinção de cor, partido, religião e classe social na hora de botar o transgressor em cana; quando cada um sentir que nossos políticos e governos tentam fazer a coisa certa.

Assim, as pessoas se sentirão seguras e confiarão na lei, no aparato policial na estrutura do judiciário quando essa sensação de impunidade que percorre o Brasil de Norte a Sul, de Leste a Oeste for radicalmente eliminada. Sem isso ficaremos todos nos comportando como agora, ou seja, aplaudindo o cidadão que faz "justiça" com as próprias e ficando cheio de dedos em condená-lo.

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

QUEM NÃO FOI ÍNDIO LEVANTE A MÃO?

O maior sempre engole o menor! Quem não ouviu a trágica verdade? Quando abandonamos, em levadas e aos poucos, o Leste da África para conquistar o mundo nós, os humanos, fomos criando aglomerações diversificadas que passamos a definir no decorrer do tempo como povos com usos e costumes peculiares. Usos e costumes que foram sofrendo (e sofrem) mudanças constantes, modificações diuturnas imperceptíveis, pois a vida é movimento e nela nada permanece imutável.

A intensidade do frio e do calor, o ambiente, o alimento (principalmente a proteína animal), o solo, a flora, a fauna, a percepção de novas realidades, o surgimento da fala, as descobertas (fogo), o avanço científico (roda, agulha, vidro), a invenção escrita foram, entre milhares de outros elementos, nos afetando num processo de moto contínuo que nos modifica a todo instante.

Espalhados pelos cinco continentes os descendentes do homo sapiens criaram incontáveis civilizações que, em contato umas com as outras, passaram a influenciar e ser influenciadas – com o mais forte impondo seu jeito de ser quando os choques, tidos como inevitáveis pelo nível cultural de diferentes épocas, ocorriam. Assim, civilizações nascem e civilizações morrem. É a dialética da natureza, perversa eu e todos sabemos, mas incontornável: não há como segurar a história menos ainda voltar para ao passado.

Nesse contexto é que se deve analisar a questão indígena entre nós. O assunto foi mal encaminhado desde que os choques inevitáveis da intensificação da globalização e a chegada do português e do espanhol (que também foram índios) produziram. Com a predominância da civilização europeia que chegou (também com seu Deus, seus vícios e doenças), optamos, após anos de ações truculentas, pela reserva indí-

gena. Espécie de confinamento perpétuo para impedir a emancipação desses povos como se fosse possível parar a roda da história e evitar que eles – protegendo seus usos e costumes na esfera do possível ditado pela dialética de que nada é estático – evoluíssem como os demais do planeta (portugueses e espanhóis, por exemplo) em idênticas circunstâncias.

Hoje, pasmos, nos damos conta que nada é mais anacrônico do que as reservas: 63% dos índios brasileiros possuem televisão, 51% contam com geladeiras, 36% tem telefone celular e cresce o número dos que têm automóveis e internet. E a maioria só sobrevive com ajuda do Bolsa Família! Quando estão vivos graças à medicina do SUS? Com tudo isso dentro de uma aldeia/reserva será possível falar em manter o modo de vida que tinham quando da chegada do homem branco? E o que produzem suas terras? Tenham a santa paciência, vamos parar de ser cínicos e de impor sofrimento a esses povos. Vamos respeitar o que sinalizam as principais lideranças deles e criar rumos para que possam efetivamente aproveitar as facilidades que a vida moderna oferece.

Claro, a sociedade e o Estado (e nossa consciência) não podem virar as costas para os problemas que afetam as populações indígenas (mesmo por que como cidadãos têm direitos constitucionais), mas crer que tudo se resume em dar terras é só prolongar o sofrimento delas. Por ironia do destino, a disputa entre aceitar ou refutar a nova vida trazida pelo europeu já foi decidida lá traz com a posição do cacique Neenguiru, que se aliou ao colonizador e a morte do cacique Nheçu, que perdeu a batalha pelo status quo. De mais a mais, como garantir o mesmo tipo de vida se o essencial deles – o deus Tupã, foi eliminado e em seu lugar colocado outro deus?

